

## Considerações Finais

Fausto dos Santos Amaral Filho

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

Considerações Finais. In: AMARAL FILHO, F.S. *Mas, afinal, para quê, então, filosofia?* Uma leitura do Górgias de Platão [online]. Chapecó: Editora UFFS, 2018, pp. 162-164. ISBN: 978-85-64905-87-0. <https://doi.org/10.7476/9788564905887.0005>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# Considerações finais

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se Pierre Hadot tem razão ao dizer que a filosofia dialógica de Platão “é já uma escolha de vida”<sup>196</sup>, em que “viver de modo filosófico é, principalmente, voltar-se para a vida intelectual e espiritual, realizando uma conversão que põe em jogo ‘toda a alma’, isto é, toda a vida moral”<sup>197</sup>, o diálogo *Górgias* talvez possa ser considerado o paradigma de tal atitude perante a vida. O que pode ser ilustrado pela história que Themistius nos transmite, que teria sido recolhida em um diálogo perdido de Aristóteles. Tal história relata o impacto que a leitura do *Górgias* provocou em um agricultor coríntio que, depois de lê-lo, largou a lavoura para dedicar sua vida à filosofia<sup>198</sup>.

Lendo o diálogo pudemos compreender quais são as especificidades próprias da dita vida filosófica e as suas interconexões com a questão do poder político na pólis democrática de então.

Fundamental para a nossa leitura foi perceber que o diálogo inteiro “apresenta um conflito entre dois modos de vida, o do filósofo e o do *político-orador*”<sup>199</sup>. Dois modos de vida que, conforme o diálogo avança, vão se tornando, por contraposição, cada vez mais claros; tanto quanto vai ficando cada vez mais clara a subordinação das diversas questões que permeiam o texto – como a retórica, a *epídeixis*, a *diáleksis*, a *tékhne*, a *epistéme*, o poder, a política, a justiça, a temperança, a coragem, a piedade, a felicidade,

---

196 HADOT, Pierre. *O que é Filosofia Antiga?* São Paulo: Edições Loyola, 1999, p. 102.

197 Idem.

198 THEMISTIUS, *Orationes* XXIII, 295 c-d.

199 RUTHERFORD, R. B. *The Art of Plato. Ten Essays in Platonic Interpretation*. Cambridge: Harvard University Press, 1995, p. 142.

o bem, dentre outros – à questão da vida e, mais especificamente, à questão da vida filosófica. Muito provavelmente por isto, por ser a vida que esteja em questão no diálogo, é que as refutações socráticas tenham sido “originalmente mais um teste de pessoas do que de proposições: Sócrates examina seus interlocutores para ver se suas vidas estão em harmonia com os seus princípios admitidos”<sup>200</sup>. Sendo que, tanto a refutação de Górgias quanto a de Polo e Cálicles revelaram, justamente, “a incoerência entre a vida e a doutrina dos interlocutores”<sup>201</sup>. Exatamente em oposição a Sócrates, que mostrou durante todo o transcorrer do diálogo, de maneira cada vez mais explícita, a coerência entre a sua fala e a sua vida.

Assim, espera-se que, ao final, possamos responder à pergunta com a qual iniciamos a nossa leitura? Mas, afinal, para quê, então, filosofia? Alguém arrisca ser o primeiro? Se servir de alento, não se esqueça, quem ri do filósofo é sempre a escrava da Trácia.

---

200 KAHN, Charles H. *Plato and the Socratic Dialogue. The philosophical use of aliterary form*. Cambridge University Press, 1996, p. 133.

201 Idem, p. 137.